

Conhecendo o Rio de Janeiro a pé:

“excursionismo”, “pedestrianismo” e montanhismo” entre os séculos XIX e XX

Walking around Rio de Janeiro: “hiking”, “pedestrianism” and “mountaineering” between the 19th and 20th centuries

CLEBER DIAS

Educador Físico pela Universidade Castelo Branco (UCB), Especialista em Educação Física pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
cleberdiasufmg@gmail.com

TAUAN NUNES MAIA

Educador Físico pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Especialista em Residência Multiprofissional em Saúde pelo Hospital Universitário Antonio Pedro (UFF) e em Psicomotricidade aplicada à Educação pela Faculdade Internacional Signorelli (FISIG), Mestre em Ciências do Cuidado em Saúde pela UFF e Doutorando em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
taunum@hotmail.com

RESUMO: O objetivo desse artigo é analisar a história do “excursionismo”, do “montanhismo” e do “pedestrianismo” no Rio de Janeiro na transição entre os séculos XIX e XX. Nos termos que predominavam nessa época, a compreensão histórica dessas atividades só pode se dar à luz umas das outras. Desde os fins do século XVIII realizavam-se passeios pelas montanhas e outras paisagens naturais do Rio de Janeiro. Essas atividades combinavam motivações utilitárias ou científicas, mas também lúdicas e recreativas. A partir dos fins do século XIX, a incorporação de códigos esportivos e transformações nos meios de transporte, entre outras razões, facilitaram e ampliaram a abrangência dessas atividades de lazer na natureza.

PALAVRAS-CHAVE: História; Esporte; Lazer.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze the history of “hiking”, “mountaineering” and “pedestrianism” in Rio de Janeiro between the late of 19th and early of 20th centuries. In terms that prevailed at this time, the historical understanding of these activities only can happen by inter-relating to each other. Since from the late of 18th century, tours to the mountains and other natural landscapes of Rio de Janeiro were doing. These activities combined utilitarian or scientific motivations, but also playful and recreational motivations. From the late of 19th century, the incorporation of sports codes and transformations in transportations, among other reasons, facilitated and expanded the scope of these leisure activities.

KEYWORDS: History; Sports; Leisure.

O Rio de Janeiro é frequentemente apontado como a cidade do Brasil onde o montanhismo está mais solidamente desenvolvido. De fato, a cidade conta com cinco clubes de montanhismo ativos e sob diversos aspectos muito bem estruturados. Há ainda os muitos praticantes deste esporte espalhados pela cidade que optam por não manter vínculos associativos com nenhuma instituição do tipo. A própria geografia da cidade, entrecortada por montanhas, facilita a prática do montanhismo. No Rio de Janeiro, um interessado em subir montanhas a pé por suas trilhas ou escalá-las por suas escarpas rochosas não precisa deslocar-se grandes distâncias para fazê-lo. Dentro do próprio perímetro urbano há várias possibilidades nesse sentido. Nesse contexto, o objetivo desse artigo é analisar a história do excursionismo, do montanhismo e do pedestrianismo no Rio de Janeiro na transição entre os séculos XIX e XX.

Para um leitor dos dias de hoje, habituado à alta especialização dos diferentes esportes, cada qual com seus respectivos jargões, costumes, tradições e indumentárias, talvez pareça estranho uma análise que articula modalidades à primeira vista tão diferentes. Historicamente, porém, o desenvolvimento dessas modalidades ocorreu precisamente dessa forma integrada e articulada. Até por volta dos meados da segunda década do século XX, a mixórdia era tão flagrante que instituições dedicadas a práticas hoje claramente diferenciadas, como o atletismo, o montanhismo ou o turismo, organizavam atividades rigorosamente idênticas. Em 1917, o Clube Pedestre Nacional, criado com o propósito declarado de organizar competições de corrida a pé, organizava também passeios pelas montanhas do Rio de Janeiro. Em 1919, do mesmo modo, o *Tourist Club*, cujo nome já denuncia as intenções, organizava excursões a pé por diferentes bairros e montanhas da cidade, nos mesmos moldes que já o faziam desde alguns anos antes o Centro Andarilho do Brasil ou o Centro Suíço de Excursões Pedestres — verdadeiros antecessores dos primeiros clubes de montanhismo. Nesses termos, ou melhor, nos termos que predominavam entre os fins do século XIX e os princípios do século XX, a compreensão histórica do “montanhismo”, do “excursionismo” e do “pedestrianismo” só pode necessariamente se dar à luz uns dos outros.



Grosso modo, montanhismo é o esporte de subir montanhas, podendo-se fazê-lo a pé, por caminhos ou trilhas da montanha, ou escalando pelas rochas e escarpas, com a ajuda de cordas e outros equipamentos. Por essa

definição genérica, especialmente a que se refere a subida de montanhas a pé, muitos entusiastas do montanhismo gostam de afirmar a história imemorial deste esporte. Nesses termos, subir montanhas seria uma atividade datada desde os primórdios da humanidade — ao menos nas suas formas mais primitivas, isto é, a pé e sem auxílio de equipamentos. Historicamente, porém, subir montanhas *por esporte*, que é o propósito relacionado à atividade designada pelo conceito de montanhismo, tem uma história muito mais recente. Excluídos, portanto, os momentos em que homens e mulheres subiram ou escalaram montanhas no passado para caçar, colher, fugir de predadores, buscar abrigo, pastorear ovelhas ou qualquer outra finalidade utilitária, a história desta prática remonta ao quartel final do século XVIII. Nessa época, transformações na sensibilidade diante da natureza, em geral, e das paisagens de montanha, em particular, incentivaram passeios, excursões ou viagens à natureza (MACFARLANE, 2005).

De maneira institucionalmente mais organizada, porém, foi apenas em meados do século XIX que se viu nascer os primeiros empreendimentos sistemáticos para explorar montanhas *por esporte*. Nessa época, além da prática em si, já havia também livros voltados para essas atividades, bem como a realização de apostas, demonstrando que o hábito já ia se consolidando como um costume esportivo e de lazer (LITERATURA E CIENCIAS, janeiro de 1813). Em 1857, foi fundado em Londres àquele que é reconhecido como o primeiro clube de montanhismo do mundo: “The Alpine Club”. Até meados da década de 1870, instituições semelhantes seriam criadas em outros países europeus: Suíça (1863), Itália (1863), Áustria (1869), Alemanha (1874) e França (1874) (HANSEN, 1995). Todas essas iniciativas para criação de clubes de montanhismo, no entanto, são mais a consequência do que a causa de um conjunto de outras transformações históricas mais amplas que se processavam na época. Transformações nos meios de transporte, por exemplo, nomeadamente a construção de ferrovias e a invenção do navio a vapor facilitaram os meios disponíveis para se subir montanhas por razões recreativas no período, expandindo, obviamente, as oportunidades nesse sentido. Em 1879, quase um milhão de turistas visitaram a Suíça (HOBSBAWM, 2005, p. 30).

No Brasil, de maneira análoga e em período aproximado, sabemos que desde os fins do século XVIII realizavam-se passeios pelas montanhas do Rio de Janeiro, de modo bastante semelhante ao que ocorria na Europa mais ou menos na mesma época, embora aparentemente envolvendo menos pessoas. Ao longo da primeira metade do século XIX, se consolidou a noção de casas de campo para o veraneio ou para o fim de semana. Na esteira desse

processo, algumas regiões foram também consagradas como lugares privilegiados para instâncias de descanso e de recreio em meio à natureza, como é o caso de Botafogo, Tijuca, Petrópolis e o Jardim Botânico. Finalmente, na mesma época, sedimentaram-se ainda práticas sobre o modo de se usufruir um dia de lazer na natureza (DIAS, 2013).

Na segunda metade do século XIX, todos esses costumes não apenas se mantiveram como se ampliaram, envolvendo grupos cada vez mais numerosos. Até os anos finais daquele século, porém, muitas “excursões”, como eram geralmente chamadas, tinham finalidades claramente utilitárias. Não por acaso, frequentemente o registro dessas atividades destacava mesmo que suas realizações não eram motivadas “por recreio” ou “por turismo”. Em 1877, por exemplo, o jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, relatava excursões de um tal João Barbosa Rodrigues e também do Visconde de Porto Seguro, apresentado como “um ilustre excursionista brasileiro”, que gozaria, inclusive, de reconhecimento internacional nesse âmbito de atividades. As duas excursões assumiam explicitamente conotações de “explorações científicas”, com propósitos de estudar a natureza de Minas Gerais, no caso de João Barbosa Rodrigues, ou de identificar o local do estabelecimento dos primeiros bandeirantes em Goiás, no caso do Visconde de Porto Seguro. Nesses termos, o jornal enfatizava positivamente a dimensão utilitária das iniciativas. Segundo dizia-se: “as excursões não têm sido por recreio, mas sim por labores e de lutas de todo o gênero contra obstáculos da natureza e de acidentes da fortuna” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 8 de junho de 1877, p. 1).

Esta pronunciada dimensão científica ou utilitária, entretanto, não era de forma alguma incompatível com outros significados. Na verdade, durante quase todo o século XIX, excursões “por recreio” ou “por turismo”, chamadas muitas vezes também de “passeios campestres”, estariam relacionadas com outros propósitos mais utilitários, compondo uma teia de tal modo imbricada que seria difícil, se não impossível, de acordo com definições e valores da época, fragmentá-las de maneira absoluta. Conforme bem dissera Macfarlane (2005), que estudou a história da emergência do fascínio estético, filosófico e também esportivo diante das paisagens de montanha, ciências como a arqueologia ou a geologia foram algumas das principais forças motrizes do montanhismo até meados do século XX. Como exemplos nesse sentido, o autor cita o fato das três primeiras expedições ao Everest, na década de 1920, terem sido parcialmente financiadas como expedições científicas (MACFARLANE, 2005, p. 53). Não obstante, a motivação de muitos dos principais envolvidos com as primeiras tentativas de escalar grandes

montanhas do Himalaia ou de outras partes serem claramente esportivas, radicadas já em um universo de busca de aventuras no contato com uma natureza imaginada como intacta, justificativas de ordem científicas, mesmo que pouco sinceras, poderiam ser a única forma de garantir o necessário apoio financeiro para realização dessas dispendiosas viagens. Conforme dissera um integrante da terceira e malsucedida expedição britânica ao Everest, viagens daquele tipo tratavam-se de “experiências intensas e também de interesse romântico, estético e científico” (HEMMLEB; JOHNSON; SIMONSON, 1999, p. 18 — grifo nosso). Assim, excursões ou viagens à natureza realizadas com diferentes propósitos se combinaram até anos avançados do século XX, quando finalmente uma clara especialização entre os diferentes propósitos pelos quais se realizavam viagens à natureza foi se delineando.

Todavia, mesmo no contexto do século XIX, haveria também viagens, passeios ou excursões realizadas pelo simples prazer de estar em contato com a natureza. Nessa época, associações civis tão distintas como grupos carnavalescos, bandas de música, sociedades beneficentes ou clubes sociais diversos promoviam, no Rio de Janeiro, passeios para Santa Tereza, para a Tijuca, para o Corcovado, para o Jardim Zoológico, para o Jardim Botânico ou para o que era identificado na época como “arrabaldes”, isto é, bairros rurais, dentro ainda do perímetro geográfico da cidade, mas fora já do seu centro urbano, como eram Vila Isabel, Engenho da Rainha, Andaraí ou Jacarepaguá. Nesse momento, já se registrava também grupos ou clubes especialmente dedicados à organização de passeios, como o Grupo Excursionista dos Canecas, composto, conforme destacava a imprensa local, por “rapazes de bom gosto” e “distintos cavalheiros” (O TEMPO, 3 de dezembro de 1892; CIDADE DO RIO, 10 de junho de 1895; FESTAS, 27 de dezembro de 1900). Organizados por grupos excursionistas ou por outras organizações quaisquer, passeios ou excursões a esses lugares, de todo modo, não tinham nenhuma necessidade de apresentar justificativas sérias ou científicas. Tratava-se mesmo de passeios pela natureza realizados como um fim em si mesmo: excursões ao som das fanfarras, destinadas à folgança e ao esquecimento de todas as cousas que causavam tormentos, como dizia a propaganda de uma dessas atividades, promovida pelo Congresso Ginástico Português em 1879 (JORNAL DO COMMERCIO, 21 de junho de 1879, p. 5). Em outra dessas ocasiões, dessa vez em 1890 e sob a iniciativa da Euterpe Comercial Tenentes do Diabo (que ao menos desde 1876 realizava atividades desse tipo), um relato vinculado no jornal *Gazeta de Notícias* deixa ver o ambiente que cercava um passeio campestre na época: alegria e expansividade já nos bondes especiais

que levavam o extenso grupo, com quase 200 pessoas, para um dia de muita comida, música e contemplação de paisagens no Corcovado, tidas por belas e encantadoras. Conforme registrara o jornal:

À hora aprazada, seguiram em bondes especiais, vistosamente ornamentados, aqueles alegres foliões, representantes da imprensa e algumas senhoras, com destino às Laranjeiras, onde tomaram trens para fazerem a excursão projetada. Chegados ao Alto do Corcovado, na maior alegria e contentamento, arriaram a fateixa, como se costuma dizer, para admirar o belo panorama que daquele lugar encantador se descortina sobre a nossa cidade [...] Diversas excursões por aquele pitoresco lugar foram logo improvisadas, até que às 3 e 30 da tarde foi servido o lauto jantar no Hotel das Paineiras em duas longas mesas, onde perto de 200 pessoas tomaram assento; foram servidas apetitosas iguarias, amenizando-se o jantar com outro dito espirituoso, trocados entre os convivas. Diversos brindes foram erguidos e correspondidos com entusiasmo. Findo o jantar, a excelente banda de música dos Tenentes executou diversas peças do seu vasto repertório como agradecimento aos convidados, dando assim mais realce à boa festa proporcionada pelos Tenentes do Diabo. Às 5 e 30 da tarde tomaram trens de descida aqueles alegres rapazes (TENENTES DO DIABO, 18 de agosto de 1890, p. 2).

Não por acaso, em princípios da década de 1890, a frequência aos domingos na região do Silvestre, nas imediações do Corcovado, poderia ser classificada já como “muito notável” (O PAIZ, 27 de janeiro de 1891, p. 2). De fato, além de setores mais elitizados, grupos de extratos médios ou mesmo de camadas populares também poderiam frequentar e frequentaram o local como parte de suas atividades de lazer. Em 1895, o Clube União Comercial, espécie de “sindicato” dos trabalhadores do comércio, realizou um passeio campestre para o Silvestre, como parte das comemorações pelo quinto aniversário da medida que determinou o fechamento do comércio do Rio de Janeiro aos domingos (DECLARAÇÕES, 15 de novembro de 1895, p. 4). Pouco antes, a notícia de um acidente fatal na Cascata Grande da Tijuca revelava a presença de “três raparigas da vida alegre”, que foram até o local de trem, para descansar e “em ruidosa patuscada”, conforme informara o jornal *O Tempo*. Involuntariamente, a notícia permite perceber a heterogeneidade social que já marcava os espaços usualmente utilizados para atividades de lazer na natureza. Segundo ainda o mesmo jornal:

Com a curiosidade do seu sexo e a imprudência da sua vida de mulher de hábitos livres, Joaquina quis ir até a parte inferior da queda d'água, mas com tanta infelicidade o fez que, escorregando no liso dos rochedos, despenhou-se no precipício. Ao ver o perigo que corria a sua companheira, Joanna saltou atrás dela, tentando salvá-la e foi vítima da sua dedicação: como Joaquina, não pôde manter o equilíbrio e rolou até o fundo do abismo, sucumbindo instantaneamente (PASSEIO FATAL, 2 e 3 de janeiro de 1894, p. 2).

Atentos às oportunidades comerciais que a demanda por diversões ao ar livre já representava em fins do século XIX, empresários tentavam claramente se aproveitar da ocasião. Eduardo dos Santos, presidente da Companhia Ferro Carril Carioca, empenhava-se, às vezes pessoalmente, em tratar “de maneira atenciosa e delicada” determinados grupos e instituições durante seus passeios, frequentemente disponibilizando bondes especialmente destinados a tais atividades (COMPANHIA FERRO CARRIL CARIOCA, 6 e 7 de maio de 1896, p. 3). Do mesmo modo, João Batista Viana Drumond, mais conhecido como barão de Drumond, proprietário do Jardim Zoológico, empenhava-se deliberadamente em promover seu estabelecimento, inaugurado em 1888, como local privilegiado para passeios e atividades desse tipo. Em 1892, barão de Drumond conduziu um grupo de convidados para uma visita ao lugar, a fim de lhes apresentar suas instalações. Representantes da imprensa compunham a comitiva. Chegaram todos em bondes especiais e tiveram à sua disposição um “lauto jantar, em mesa de 60 talhares” — fez questão de registrar o representante do *Jornal do Brasil*, que pareceu, afinal, ter ficado positivamente impressionado com o que viu: o hotel, os jardins, as gaiolas dos animais e as construções do salão para concertos e bailes, além de um jardim para jogos infantis e outras diversões. “Foi uma festa esplêndida”, concluiu (JORNAL DO BRASIL, 4 de julho de 1892, p. 1). Em 1896, continuando ações publicitárias, uma propaganda do Jardim Zoológico, publicada no mesmo *Jornal do Brasil*, destacava vantagens e virtudes do local. Segundo dizia a propaganda:

A temperatura elevada destes últimos dias convida a um passeio campestre, onde se possa respirar ar puro à sombra de frondosos arvoredos. Para isso, nenhum local melhor se presta do que o aprazível jardim de Vila Isabel, na qual também não faltam divertimentos para todos os gostos e classes sociais (JARDIM ZOOLOGICO, 14 de junho de 1896, p. 4).

Nenhuma dessas atividades, porém, se tratava ainda de montanhismo propriamente dito. Nem sequer o léxico estaria disponível ainda. Passeios por montanhas nessa época costumavam ser chamados de “excursionismo” ou “vilegiatura”. Além disso, os destinos de muitas dessas atividades nem sempre eram as montanhas. Praias, parques e jardins eram sítios frequentemente empregados em tais atividades. A forma de empreender esses passeios ou excursões também era ligeiramente distinta da que seria consagrada depois pelo montanhismo propriamente dito. Em geral, bondes e trens eram os principais meios de transporte empregados — mesmo quando eventualmente alguns trechos eram realizados a pé. Havia já os que realizavam excursões a pé, é certo. Mesmo em tais ocasiões, todavia, nota-se ainda o estranhamento diante do cansaço físico promovido pelas longas caminhadas. Em 1889, uma novela cujo enredo narra o passeio de um excursionista pelo Corcovado revela a maneira pouco usual com que longas caminhadas eram ainda encaradas. Apesar da sua dimensão ficcional, o relato assume orientação claramente realista, citando locais e situações que de fato permeavam o cotidiano da cidade naquele momento. Tais feições potencializam a capacidade do pequeno romance exibir aspectos interessantes do modo de organização do lazer na natureza da época.

Depois de dormir uma noite no Hotel das Paineiras, aonde chegou de trem, o excursionista do enredo acorda cedo, às 5 horas, cioso de seguir sua excursão. Sua intenção inicial era seguir a excursão sempre de trem. Nesse momento, porém, o excursionista é informado por um funcionário do hotel de que o próximo trem que poderia levá-lo até o cume da montanha só partiria horas depois. Indisposto a esperar, o excursionista decide então fazer a ascensão a pé, “corajosamente”, conforme ele próprio classifica a decisão. O relato que se segue enfatiza o desconforto da caminhada: “andei, andei, andei... o suor caía-me em gotas copiosas”. A pouca familiaridade do excursionista com os desconfortos do exercício físico é óbvia.

Subi mais e mais — o coração batia-me, as curvas das pernas endureciam-se; o que me animava era o trilho ilusório — via perder-se em uma curva e dizia comigo para encorajar-me: depois da curva... em passando aquela curva estará vencida a montanha. Chegava a curva... outra voltava adiante, irônica, impassível [...]. Tomei folego e fui de novo... novas curvas, a subida mais íngreme — mas, por entre as árvores, vi perto, a pouca altura de mim, o chapéu de sol [isto é, o cume do Corcovado]. A alegria dos gregos de Xenofonte vendo o mar não foi de certo maior que

a minha. Lancei-me a correr e esbafado [sic], com as pernas trêmulas, estatelei-me diante da pedra do cume que tem feições de um dos titãs derrotados (N., 1889, p. 1).

Pouco tempo depois, já no século XX, quem realizasse excursões a pé também enfatizaria em seus relatos as dificuldades das viagens. Esta, aliás, é uma convenção narrativa que modula relatos de viagens desde muito antes, deitando raízes nos séculos XV e XVI, quando as grandes navegações inauguraram o que Mary Louise Pratt (1999) chamou de “literatura de sobrevivência”. Muitos elementos desse gênero literário foram assimilados e se fazem notar no modo de narrar viagens e aventuras esportivas em meio à natureza até os dias de hoje. Nos relatos de excursões a pé produzidos a partir do século XX, porém, a ênfase sobre as dificuldades de uma viagem estaria nas intempéries meteorológicas, nos perigos do caminho, nos riscos de ataques de animais ou de bandidos, nunca nas exigências físicas da caminhada em si — que a partir daí seriam tomadas como dados mais ou menos naturais. Esta é uma pequena diferença fundamental, que expressa um conjunto de transformações com relação à uma nova cultura do corpo, que seria materializada na crescente popularização dos esportes. Nesse momento, portanto, nota-se o processamento de uma sutil transição histórica.

Até os fins do século XIX, independente das motivações, dos propósitos, das distâncias percorridas ou dos meios empregados, todos que excursionassem eram “excursionistas”. A partir de princípios do século XX, contudo, haveria uma progressiva distinção de termos e nomenclaturas, mas que permaneceriam ainda imiscuídos e intercambiáveis entre si. Daí em diante, ao lado do “excursionista”, existiria também o “pedestrianista”, isto é, aquele que realizava excursões ou competições de corrida exclusivamente a pé, mas não necessariamente pelas montanhas.

Para o “excursionista”, bem entendido, a viagem a pé sempre fora uma possibilidade bastante provável, frequente até, mas não uma condição incontornável, como logo seria para o “pedestrianista”. “Excursionistas” usualmente combinavam o uso de diversos meios de transporte em suas excursões: trens, navios, mulas e caminhadas. Com o correr do século XX, na medida em que o “excursionismo” fosse cada vez mais associado com o “turismo”, quem excursionasse por lazer passaria a ser mais usualmente designado tão somente como “turista”. Sintomaticamente, em meados da década de 1920, dicionários de língua portuguesa (editados em Portugal), ao definirem “excursionismo” como “gosto e prática das viagens de recreio

ou de estudo”, destacavam também que o vocábulo “turismo” tendia já a predominar na descrição desse tipo de atividade (FIGUEIREDO, 1925-1926, p. 845; AULETE, TAINE, 1925, v. 1, p. 987). Até por volta de 1940 ou 1950, de fato, confirmando as previsões e os temores dos dicionaristas portugueses, que anos antes descreveram “turismo” como um vocábulo “exótico”, como o dissera Candido Figueiredo (1925-1926, v.1, p. 845), excursionismo seria um termo praticamente em desuso para definir e nomear viagens recreativas. Excursões utilitárias para estudos científicos, além disso, quer fosse para a coleta de plantas e animais, quer fosse para a observação e registro de costumes culturais de povos nativos, seriam cada vez mais confinadas a um universo profissionalizado. O antigo diletante naturalista, que por hobby dedicava-se à botânica ou a outros ramos da história natural, cederia agora lugar aos biólogos, arqueólogos, paleontólogos, folcloristas e antropólogos de profissão.

Continuando e aprofundando processos de definição terminológicos cada vez mais precisos e especializados, por volta da década de 1930, depois de consolidada a distinção entre “excursionismo” e “pedestrianismo”, um novo vocábulo entraria em uso corrente, qual seja, “montanhismo”, que designava então passeios recreativos, realizados a pé e não para qualquer espaço natural em geral, mas para ambientes de montanha, em particular. Esta é a especificidade que distingue, a partir dessa época, “montanhismo” de “pedestrianismo”. Ambas as modalidades prescreviam excursões realizadas a pé. Mas apenas o montanhismo os realizava exclusivamente pelas montanhas. De certo modo, a noção especializada de montanhismo para descrever passeios a pé pelas montanhas, plasmava o espírito da ideia do “alpinismo”, que designava passeios a pé pelos Alpes da Europa, da mesma forma que aconteceria depois com o “himalaismo” com relação às montanhas do Himalaia; com o “andinismo” com relação aos Andes sul-americanos; ou com o inusitado “marumbinismo” com relação às montanhas do Marumbi, no Paraná.

Apesar da relativa novidade que o termo montanhismo encerrava, ele também claramente se inseria na esteira de tradições e convenções narrativas antes inauguradas pelo excursionismo. Prova disso é que as principais instituições a promoverem e propagandearem o montanhismo como um novo e benéfico esporte eram e são ainda clubes ou centros de excursionismo — sintoma de uma interessante dialética entre rupturas e continuidades históricas.

Referências bibliográficas

DIAS, Cleber. **Epopéias em dias de prazer**: uma história do lazer na natureza (1789-1838). Goiânia: Ed. da UFG, 2013.

HANSEN, Peter H. Albert Smith, the Alpine Club, and the Invention of Mountaineering in Mid-Victorian Britain. **Journal of British Studies**, v. 34, n. 3, pp. 300-324, Jul. 1995.

HEMMLER, Jochen; JOHNSON, Larry A.; SIMONSON, Eric R. **Fantasma do Everest**: em busca de Mallory e Irvine. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MACFARLANE, Robert. **Montanhas da mente**: história de um fascínio. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagens e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**, 1875-1914. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

Fontes primárias

AULETE, Caldas; TAINE, Hippolyte. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa feito sobre o plano de F. J. Aulete**. 2 ed. atualizada. Lisboa: Parceira Antonio Maria Pereira, 1925.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. corrigida e copiosamente ampliada. Lisboa: Portugal-Brasil, 1925-1926.

N. O Corcovado (notas de um excursionista). **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1889, n. 1.625, p. 1.

LITERATURA E CIÊNCIAS. **Correio Braziliense**, Londres, janeiro de 1813, p.722.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 8 jun. 1877, n. 157, p. 1.

PASSEIO FATAL. **O Tempo**, Rio de Janeiro, 2 e 3 jan. 1894, n. 1019, p. 2.

DECLARAÇÕES. **Gazeta de Notícias**, 15 nov. 1895, n. 318, p. 4.

JARDIM ZOOLOGICO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 jun. 1896, n. 166, p. 4.

FESTAS. **Cidade do Rio**, Rio de Janeiro, 27 de dezembro 1900, n. 77, p. 3.

O TEMPO, Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1892, n. 578, p. 2.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 4 de julho de 1892, n. 185, p. 1.

COMPANHIA FERRO CARRIL CARIOCA. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 6 e 7 de maio de 1896, n. 106, p. 3.

CIDADE DO RIO, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1895, n. 321, p. 2.

TENENTES DO DIABO. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1890, n. 230, p. 2.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1879, n. 171, p. 5.

O PAIZ, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1891, n. 3.199, p. 2.

Recebido em 12/07/2017
Aprovado em 20/09/2017